

O Espiritismo e a Tradição Cristã

André Andrade Pereira*

[aapahimsa@yahoo.com.br]

Resumo

Esta pesquisa investigou em que medida o Espiritismo se apresenta como a continuação histórica e profética do Cristianismo. Com base na interpretação dos livros que compõem a Doutrina Espírita pode-se perceber a ênfase na revitalização da figura exemplar de Jesus de Nazaré, num revigoramento da ética do amor e da fé heróica das primeiras comunidades cristãs. O Espiritismo não é só mais um movimento neófito. Mas se apresenta como herdeiro da filosofia cristã, bem como um movimento profético de retorno às origens. Abre-se ao diálogo com as ciências, mas retoma a centralidade do amor-caridade, reinterpretando o pentecostes e potencializando a mediunidade como mecanismo de instrução e consolo, no contato com a falange dos Espíritos Santos.

Palavras chave: Espiritismo, Cristianismo, Diálogo Inter-Religioso.

Abstract

This study researched to what extent Kardecist spiritualism presents itself as the historical and prophetic continuance of Christianity. Our reading of the literary corpus of Kardecist doctrine allowed us to notice the emphasis on a revitalization of the exemplary figure of Jesus from Nazareth, in an attempt at reinvigorating the ethics of love and the heroic faith of the first Christian communities. Kardecist spiritualism, so this study concludes, is not a simple neo-age movement. It presents itself as the heir of Christian tradition, as well as a prophetic movement returning to the origins. It opens itself to a dialogue with the sciences, but retrieves the centrality of charity-love, reinterpreting Pentecost and potentializing mediunity as a mechanism providing instruction and consolation, in the contact with the host of saint spirits.

* Economista e cientista político, doutorando em Ciência da Religião pela UFJF.

Keywords: Kardecist spiritualism, Christianity, Inter-Religious Dialogue.

Introdução

A virada do milênio é testemunha da proliferação de formas de religiosidade e de denominações religiosas, em toda a extensão do globo, e pouco se pode prever sobre o futuro do mapa religioso mundial. Quais visões do sagrado, práticas religiosas, e mesmo denominações realmente estarão ainda à nossa disposição em cem anos? A busca incessante pelo espiritual, na atual Globalização, tem gerado igualmente uma tendência ao diálogo inter-religioso, às trocas de experiências e às novas descobertas, o que nos leva a imaginar como serão as religiões daqui há cinquenta, ou cem anos. Que práticas espirituais serão incorporadas, que mudanças nas organizações, que mudança nas crenças em cada tradição religiosa ocorrerão nesse tempo?

O Espiritismo, nesse período fértil e confuso, parece ser mais uma opção, mais uma “seita estranha” aos olhos dos crentes das outras confissões, recebendo críticas de todos os lados. “Cientificista demais”, reclamam os cristãos; “metafísico demais”, zombam os cientistas; “mais uma alternativa esotérica da nova era”, afirmam os especialistas em ciência da religião; “uma fuga deste mundo para viver num mundo povoado de anjos e demônios”, contestam os humanistas. Até hoje, no entanto, apesar dos estudos acadêmicos sobre este grupo religioso, não se procurou entender a que se propõe, de fato, o Espiritismo. Pouca voz foi dada aos espíritas e não se sabe como eles se inserem nos debates filosóficos e teológicos desta era de transformação e efervescência religiosa.

Iniciado por Allan Kardec em 1857, com a publicação de “O Livro dos Espíritos”, o movimento espírita se apresenta como a continuação histórica e profética do cristianismo. Mais do que uma alternativa no mercado religioso, o propósito espírita é a revitalização da figura exemplar de Jesus de Nazaré, num revigoreamento da ética do amor e da fé heróica das primeiras comunidades cristãs. O Espiritismo é um movimento de reforma do cristianismo, dando continuidade e aprofundando o movimento reformista dos séculos XV e XVI,

visando o retorno às origens, e a purificação dos erros e incompreensões da mensagem cristã ao longo dos séculos. Sua virtude foi abrir o Cristianismo à modernidade, incentivando o diálogo entre ciência e fé. O futuro irá dizer também em que medida a espiritualidade mundial terá caminhado ao ideal de “religião espiritual” e que papel a eclosão do movimento espírita terá desempenhado nesse processo.

1. Choque de modernidade: diálogo entre ciência e fé

O Espiritismo é um movimento religioso que visa resgatar a essência do pensamento cristão, da ética do Cristo, na modernidade. Busca compreender, à luz das novas descobertas científicas que se faziam sentir na Europa do século XIX, a mensagem de Jesus de Nazaré. Empreende o diálogo da religião com a ciência do seu tempo uma vez que, para Kardec, “fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” Aliás, esta convicção virou lema entre os proponentes da “fé raciocinada”.

O Espiritismo emerge no ambiente religioso e intelectual empreendendo uma dupla crítica: à ciência materialista que trata o homem como corpo e descuida do seu destino como alma e às religiões que se recusam a atualizar suas perspectivas, não incorporando as descobertas científicas e os avanços da filosofia, não sendo atraentes ao homem moderno.

A missão do Espiritismo, neste contexto, estaria em espiritualizar a ciência e modernizar a religião, promovendo o progresso de um homem que conhece seu destino e tem as ferramentas para progredir intelectual e moralmente. Um campo de diálogo aberto entre a ciência e a religião. Seu pano de fundo é a convicção da possibilidade de se encontrar a ciência total que desvende, a um só tempo, os mistérios da natureza, os segredos do homem e a face de Deus.

Assim, o Espiritismo é uma ciência que procura estudar os fenômenos espirituais, tais como: a) profundidade do psiquismo humano (antecipando cronologicamente a psicologia), desvendando para além da personalidade a matriz espiritual do ser (o que hoje chamaríamos inconsciente, eu profundo, *self*); b) as causas profundas das doenças físicas e mentais, que podem remontar ao

estado espiritual da criatura (psicossomática), a herança das vidas anteriores ou mesmo a presença de um espírito obsessivo; c) a influência dos homens que morreram na vida cotidiana¹, a inspiração dos artistas e cientistas; d) o poder criador (co-criador) e plasmador da realidade pelo pensamento, a eficácia da prece como canalizador das energias, etc.; e) as diversificadas potencialidades psíquicas (hoje também estudadas pela para-psicologia), que eram estudadas à época de Kardec tais como os transe sonambúlicos², a hipnose, os desdobramentos, visão à distância, materializações de objetos e personalidades e os efeitos terapêuticos do magnetismo animal.

A ciência total, cujo conteúdo ainda está em aberto³, transcenderia a ciência especializada. Sendo assim, além dos estudos dos fenômenos eminentemente espirituais, a visão espírita da realidade poderá explicar toda ordem de fenômenos, elevando à máxima potência o que chamamos de interdisciplinariedade ou transdisciplinariedade. Um novo paradigma científico, obviamente não mecanicista, mas que explica de uma só vez os porquês da vida, dos acontecimentos individuais ou coletivos. O arcabouço deste novo paradigma reside: (i) na essência espiritual dos homens, (ii) na onipresença do pensamento Divino através da energia cósmica universal onde tudo está mergulhado⁴, (iii) na interconectividade entre tudo e todos através dos fios sutis do pensamento e (iv) na constante evolução de todas as formas de vida através das sucessivas reencarnações do princípio espiritual no mundo material.

Uma ciência cujas verdades serão simples, cujo conhecimento exigirá não só o intelecto apurado, mas o pleno desenvolvimento das potencialidades latentes no homem. Conhecer não depende só do intelecto e da habilidade lógico-racional, mas do desenvolvimento do sentimento e da intuição, enfim do desenvolvimento espiritual do ser humano, desenvolvimento do “ser integral”, do “ser pleno”: será preciso “ter olhos de ver, e ouvidos de ouvir”. De acordo com o Espiritismo o

¹ LE (Livro dos Espíritos) q. 459 – Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem”.

² Sonambulismo era a denominação para o estado de transe em que o anímico revelava conhecimentos superiores, capaz de dar receitas médicas entre outras informações.

³ Kardec diz que a ciência espírita evolui com o tempo. Incorporando as novas descobertas substituir-se-á as próprias afirmações reveladas pelos Espíritos em seu tempo.

⁴ Como os peixes no oceano, estamos mergulhados no fluido cósmico universal: o oceano de Deus. Daí a influência recíproca entre todos.

conhecimento da essência de Deus só é possível para os Espíritos mais evoluídos⁵. Da fase reducionista e da apropriação pelos sentidos e da elaboração lógica pelo raciocínio, o conhecimento passará a uma fase holista⁶ com base na intuição.

Entre os espíritas a imagem mais popular do progresso da humanidade é a de um pássaro que voa com as duas asas: a da inteligência e a da moral. No atual estágio humano, dizem os espíritas, teríamos desenvolvido mais a asa do pensamento, do saber científico e estaríamos em dívida com a asa da bondade, dos impulsos do coração. Somente o desenvolvimento desta segunda abrirá as portas para vãos maiores em novos conhecimentos.

O desenvolvimento da intelectualidade é apenas a primeira fase da civilização, a outra, que completará o progresso humano, é a conquista da maturidade moral que alcança a plenitude na prática sincera da caridade cristã. Os Espíritos afirmam aos homens que não poderão se dizer civilizados senão quando houverem “banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que só percorreram a primeira fase da civilização.”⁷

“A virtude da vossa geração é a atividade intelectual, seu vício é a indiferença moral”⁸, escrevia-se nas reuniões mediúnicas das quais participava Kardec, e os Espíritos que se comunicavam falavam com autoridade sobre os homens, convocando-os a uma atitude de reforma moral segundo preceitos cristãos, renovando os sentimentos, elevando-se moralmente:

Submetei-vos ao impulso que vimos dar aos vossos Espíritos. Obedecei a grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Infeliz do Espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! (...) Mas bem aventurados os que são mansos, porque darão ouvidos dóceis aos ensinamentos.⁹

⁵ LE, q. 11 – Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade? “Quando pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá.”

⁶ Este termo não era utilizado por Kardec e o incorporamos com ressalvas, por falta de um melhor.

⁷ LE q. 793.

⁸ EE (Evangelho segundo o Espiritismo), capítulo XI, item 8, mensagem psicografada em Paris, 1863, ditada pelo Espírito Lázaro. A mensagem recebeu o título de “Obediência e resignação”.

⁹ Ibid.

Educar os homens, fazendo-os trilhar um caminho de evolução moral, assim como a ciência tem trazido progressos no campo intelectual, passa a ser o objetivo principal do Espiritismo. E a pedra angular deste empreendimento reside em torno da pedagogia e da prática do amor, a ética pregada e vivida exemplarmente pelo Cristo. Tendo por base uma filosofia da igualdade, uma vez que afirma a essência espiritual de todos os filhos do mesmo Pai, “destruindo os preconceitos de seitas, castas e cores, o Espiritismo ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”¹⁰

O Espiritismo convida à construção coletiva do Reino de Deus, um mundo onde a fraternidade impera sobre o egoísmo e “a palavra amor está escrita em todas as frentes; uma perfeita equidade regula as relações sociais; todos manifestam a Deus e procuram elevar-se a Ele, seguindo as suas leis”.¹¹

2. Herdeiro da tradição cristã: elementos de continuidade

O Espiritismo filia-se à tradição cristã e lhe dá continuidade. Mesmo que estudos como o de Sandra Stoll¹² apontem para a cristianização do espiritismo na sua vinda da França ao Brasil, inaugurando uma espécie de Espiritismo à Brasileira, e ainda que os próprios espíritas, em debates internos, refiram-se a um excesso de religiosismo “espiritólico”¹³, é patente a cristianização do espiritismo desde a sua primeira publicação: O Livro dos Espíritos.

Já nos prolegômenos do livro, Kardec transcreve as mensagens psicografadas por diferentes médiuns apontando-lhe a missão de divulgador da doutrina dos espíritos bem como o encorajando a perseverar na tarefa apesar das oposições que surgiriam. Assinam a mensagem santos católicos, filósofos gregos e humanistas, como também serão esses a participar de toda a codificação do Espiritismo: “São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São

¹⁰ LE, q.799.

¹¹ EE, III, 17, mensagem de Santo Agostinho, psicografada em Paris, 1862.

¹² Espiritismo à Brasileira

¹³ Sincretismo entre espiritismo e catolicismo.

Luís, O Espírito da Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc, etc.”¹⁴

Apesar do cuidado de Kardec em sempre ressaltar o conteúdo antes da assinatura de qualquer psicografia, a identificação do Espírito comunicante termina por conferir autoridade à mensagem. E o Espiritismo se ergue com base em argumentos, raciocínios e respostas, oferecidas às indagações de Kardec, por nada menos que vultos do Cristianismo, além de Espíritos ligados à tradição filosófica ocidental. Nessa retórica da autoridade ainda se incluem Paulo, o apóstolo, ex-padres, e bispos católicos, além de uma série de anônimos ligados aos diferentes grupos onde se organizavam as sessões de comunicação com os Espíritos. Certo que não seriam aprovadas as mensagens que não passassem pelo crivo da razão e do bom senso, esses nomes atestam, de certa forma, a legitimidade cristã do Espiritismo. Enfim, isso queria dizer que se o Espiritismo podia ser combatido filosoficamente, não o seria pelos cristãos.

Essa presença de Espíritos ligados ao cristianismo não se restringe aos momentos iniciais da nova doutrina. Léon Denis, operário e filósofo, um dos grandes divulgadores e pesquisadores do final do século XIX e início do XX, relata ser orientado por, dentre outros Espíritos, Jerônimo de Praga. Eurípedes Barsanulfo de Sacramento (MG), um dos casos mais prodigiosos de mediunidade, era auxiliado por São Vicente de Paulo e chegou a receber uma mensagem assinada por Maria Santíssima. Chico Xavier, o mais famoso médium espírita, era tutorado pelo espírito que se denomina Emmanuel que revelou ter sido o Padre Manoel da Nóbrega. O chefe da primeira missão evangelizadora do Brasil, retorna em Espírito a orientar o trabalho que irá divulgar em massa, quase cinco séculos depois, o Espiritismo em todo o Brasil. Nas palavras de Emmanuel, o “Espiritismo é a restauração do Evangelho de Jesus”.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados da presença de Espíritos ligados à tradição cristã. Um deles é o de Joanna de Ângelis, mentora do médium e conferencista Divaldo Franco: foi Joana de Cusa, citada no Evangelho como seguidora de Jesus, e mais tarde no México como a freira e poetisa Sor Juana Inés de la Cruz, e mais recentemente Sórora Joana Angélica de Jesus, mártir da Independência do Brasil. Ao próprio Allan Kardec é revelado que assumiu a

¹⁴ LE, Prolegômenos.

personalidade de Jun Huss, educador e iniciador dos movimentos da Reforma Protestante, levado à fogueira em 1415.

Apresentada como uma doutrina que é a um só tempo ciência, filosofia e religião, o Espiritismo tem por ideal uma vivência autêntica da mensagem cristã. Jesus é, segundo Kardec, “o tipo de perfeição moral a que a humanidade pode pretender na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque ele estava animado do espírito divino, e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra” O Espiritismo busca a “restauração do Evangelho de Jesus”, procura ser o “Cristianismo redivivo”, a “revivescência do cristianismo primitivo”.

No Evangelho segundo o Espiritismo fica explícita a construção da identidade cristã do Espiritismo. Trata-se da terceira revelação, sendo a feita a Moisés a primeira, a Encarnação de Jesus a segunda, o Espiritismo insere-se na tradição judaico-cristã como o consolador prometido por Jesus que iria explicitar tudo o que foi dito e não havia sido compreendido. Para os espíritas a capacidade de compreensão dependia do avançar do espírito científico, e dos avanços filosóficos do Iluminismo.

Caberia ainda nesse momento uma análise da forma como doutrina defendida pelos espíritas assume argumentos de correntes da tradição cristã, dando-lhe continuidade, e resgata teses vencidas pela ortodoxia, as chamadas heresias (especialmente as oriundas das idéias gregas), bem como modelos de vivência que, apesar de exemplares na Igreja, não são incorporados como regra geral. Quanto a isso nos cabe um estudo mais aprofundado; podemos, no entanto, ousar citar alguns temas de futura pesquisa.

A ênfase no papel da lógica e da razão na constituição do arcabouço teórico do Espiritismo parece com os argumentos de um Anselmo de Cantuária ou um Tomás de Aquino em uma busca de Deus pelo intelecto, sem falar na proximidade com Teilhard de Chardin ao tratar do tema da evolução. A noção de alma não é novidade, especialmente tendo-se em conta o pensamento de Santo Agostinho e toda a influência do neoplatonismo no pensamento cristão. Neste caso, cabe observar a introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo, em que Kardec aponta Sócrates e Platão como os grandes precursores das idéias espíritas.

Ressalte-se que os espíritas procuram reacender a heresia de Orígenes quanto à preexistência da alma, tese derrotada em 553 no V Concílio de Constantinopla, bem como sua noção de purificação lenta e gradativa do mundo através de sucessivas expiações e correções. Aliás, o tema da reencarnação, apesar de sua ancianidade, tendo existido entre os filósofos indianos e egípcios, é exposto por Jesus na alusão ao retorno de Elias como João Batista, e no diálogo com Nicodemos¹⁵ e, segundo os espíritas, foi crença comum nas primeiras comunidades cristãs, tendo sido rejeitado pelo elitismo monárquico do governo de Justiniano.¹⁶ O elemento mediúnico é herdeiro dos fenômenos que sempre acompanharam a vida dos santos, Jesus em diálogo com Elias e Moisés no Tabor e todos os “milagres”¹⁷, além do fenômeno de pentecostes, inclusive o atual.

A imortalidade da alma e a intervenção dos Espíritos no mundo corporal também não são grandes novidades no mundo cristão que orava pela influência dos santos na vida cotidiana, além do povoamento do mundo por anjos e demônios.¹⁸

3. Reforma do cristianismo: elementos de ruptura

Se por um lado o Espiritismo insere-se na tradição cristã com diversos elementos de continuidade - que será mais ou menos acentuado na religiosidade dependendo do contexto cultural em que se prolifere - por outro, trata-se de um movimento de reforma do cristianismo, dando continuidade e aprofundando o movimento reformista dos séculos XV e XVI. Em toda dinâmica religiosa, as reformas e transformações são inspiradas por uma espécie de releitura do passado e a busca por um retorno mais autêntico às origens. No geral tenta-se derrubar a forte institucionalidade, as regras estabelecidas, os dogmas e símbolos mortos que terminaram por abafar o que caracteriza o movimento, o carisma, a

¹⁵ LE, q. 222. ressalte-se que a reencarnação para o Espiritismo não é a metempsicose, uma vez que não admite a reencarnação de humanos em animais. Para um estudo da reencarnação na tradição judaico-cristã, ver: Aleixo e Celestino.

¹⁶ Como um monarca reencarnaria na pele de escravos?

¹⁷ Os espíritas não rejeitam os milagres de Jesus, apenas contestam que possa haver transgressão das leis naturais, uma vez que Deus mesmo as criou e não se contradiria. Os “milagres” são fatos não explicados pela ciência materialista mas que podem ser explicados quando se considera a vida espiritual.

¹⁸ Ver para essas referências à crença cristã, Le Goff, O Deus da Idade Média.

novidade, o espírito, a espontaneidade, a subjetividade que irrompe na figura dos fundadores das religiões.

Assim é que o Espiritismo busca a purificação dos erros e incompreensões da mensagem cristã ao longo dos séculos, inspirando-se em modelos de fé calcados, sobretudo, no amor fraterno, na renúncia, no sacrifício de si. E os espíritas passam a mirar-se naqueles que desidentificam-se com o mundo material centrando seus objetivos na vida espiritual, de acordo com a recomendação paulina: “estar no mundo sem ser do mundo”. Para os espíritas esse é o modelo que está por traz do comportamento abnegado e de extrema devoção de todos os heróis, mártires, sábios e está presente na figura maior de toda a História: Jesus de Nazaré, para quem o Reino não era deste mundo.

Allan Kardec (1804-1869) foi de uma geração que se lançou a criar um mundo com bases novas. A efervescência cultural e ideológica da França do século XIX podia até não apontar caminhos consensuais, mas o professor Rivail¹⁹ fazia coro aos progressistas que rejeitavam o *Ancien Régime* e o abuso do poder da Igreja Católica com a flagrante deturpação da mensagem do amor ao próximo. O Espiritismo nasce como um socialismo utópico: a fraternidade será a pedra angular de uma sociedade justa e equânime, rompendo com a aristocracia do Antigo Regime, e a educação moral é o único meio capaz de conduzir à reforma social.

Discípulo de Pestalozzi, Rivail que, chegara aos 11 anos ao Instituto de Iverdon, levado pela mãe, para estudar com o mestre da Nova Educação, aos 19 anos já estava em Paris, publicando obras, aplicando o método pestalozziano na França, e durante 30 anos dedicou-se à educação, dando aulas, dirigindo institutos, escrevendo obras didáticas e textos com propostas de vanguarda.²⁰ Na verdade, só aos 50 anos o professor Rivail trava contato com os fenômenos das mesas girantes.

Como mostrou Incontri, Kardec herda de Pestalozzi as idéias de otimismo em relação ao ser humano e de liberdade e autonomia de consciência. Essa herança intelectual que vem de Comenius passando por Rousseau, impregnará

¹⁹ Hippolyte Léon Denisard Rivail, nome completo do codificador do Espiritismo, que usará o apelido Allan Kardec, ao que tudo indica seu nome numa existência anterior, quando fora sacerdote druida.

²⁰ Incontri, Dora. Texto da Internet.

fortemente a Doutrina Espírita. E esse otimismo será a primeira chave de leitura da pedagogia de Jesus, expressa no evangelho: “vós sois deuses”; “o Reino de Deus está dentro de vós”, “podeis fazer tudo o que eu faço e mais um pouco.” “Com Kardec essa herança se ilumina, pela perspectiva da reencarnação. Dilatam-se o tempo e o espaço da educação – não apenas uma só vida, não apenas um só cenário – mas várias oportunidades, em diferentes moradas celestes, já anunciadas por Jesus.”²¹

O papel do Espiritismo é educar os sentimentos dos homens, tornando-os fraternos, vencendo o egoísmo e orgulho, implantando o ideal de amor. Não se trata de uma religião de salvação, mas de educação. Na esteira de Comenius, Rousseau e Pestalozzi, a pedagogia espírita crê no desenvolvimento harmônico de todas as potencialidades do ser, e não se trata de educar de fora para dentro, mas de um despertar, um desabrochar de algo que já está latente no ser.

Daí a primeira ruptura com a tradição cristã, na medida em que rejeita veementemente a tese do pecado original. No Espiritismo, o mal aparece como resultado da liberdade humana.

A confiança na capacidade de auto-gestão do ser humano, de sua autonomia para se auto-construir, aprendendo inclusive com os próprios erros, é fundamental na compreensão e na prática do próprio espiritismo. Por exemplo, Kardec democratizou o conhecimento espiritual, tornou acessível e simples a qualquer pessoa, o desenvolvimento da potencialidade mediúnica (que em toda a história humana, havia sido fruto de processos iniciáticos, cobertos de mistérios e inacessíveis à massa), traduziu de forma didática, clara e sintética os grandes ensinamentos morais e espirituais – que estiverem presentes nas religiões de todos os tempos, mas que também ficaram nas mãos de alguns poucos – com o objetivo de tornar possível o exercício da espiritualidade de forma livre, destituída de intermediários hierárquicos e institucionais.²²

²¹ ibid
²² ibid

A ruptura espírita é com o modelo religioso institucional, formalista, hierárquico erigido a partir da oficialização do Cristianismo como religião do Império Romano no século IV, quando então passou de religião perseguida a religião do Estado. A meta do Espiritismo é alcançar o ideal de religião espiritual. De acordo com o filósofo espírita, Herculano Pires, o processo dialético de libertação da religião, avança com o amadurecimento da humanidade e com a vitória gradativa da razão. Esse movimento se dá em diversas etapas: o próprio Cristianismo emerge com base em princípios racionais e subjetivos, nos ensinamentos de Jesus contra o fideísmo dogmático do Judaísmo: “Esse povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim”, o que já constituía também uma denúncia da própria tradição profética hebraica.

O Espiritismo se identifica com o anúncio de Jesus à samaritana, de que chegaria o tempo em que Deus seria adorado em espírito e verdade, sem a necessidade de ritos, templos e lugares sagrados, apetrechos, sacramentos, símbolos... “Os símbolos são úteis durante o tempo necessário para a transmissão da idéia, mas tornam-se inúteis e perniciosos quando passam do tempo.”²³ Especialmente no caso cristão em que os símbolos já foram tomados de tradição as quais ele se propunha a ultrapassar. A simbologia cristã, ao adaptar símbolos pagãos, representava mal as idéias encobertas e logo revelaram seu vazio interior. A Reforma foi, na visão de Herculano, uma luta contra os símbolos.

No entanto, dialeticamente, a Reforma acaba substituindo uma idolatria por outra: em lugar das relíquias, dos ídolos, do dogmatismo da autoridade papal e dos concílios, o luteranismo idolatra a letra, a infalibilidade das Escrituras Sagradas. Contrária, portanto, o espírito libertador presente no apóstolo Paulo: “a letra mata, o espírito vivifica.”²⁴ De acordo com Herculano Pires, a partir do século XVIII, o clima estava preparado para o segundo grande passo do Cristianismo, a superação do literalismo, a libertação do Espírito: “caberia a Kardec, a serviço do Consolador, libertar da letra que mata o espírito que vivifica.”²⁵

O Espiritismo encontra nos textos evangélicos a orientação para sua prática e busca com as novas descobertas científicas iluminar os textos antigos

²³ Pires, 2003, p.85

²⁴ Na visão de Herculano Pires, a missão espiritual da Reforma acabou sendo o acesso direto aos textos da Escritura, rompendo com o privilégio clerical.

²⁵ Pires, 2003, p. 90.

dando-lhes uma nova interpretação. Além disso, o Espiritismo não se fecha nos textos da tradição judaico-cristã, mas busca as verdades em todos os textos sagrados e filosóficos, uma vez que todos “encerram os germens de grandes verdades”, que podem ser compreendidos “graças à chave que o Espiritismo fornece.”

O Espiritismo respeita as escrituras, e nelas se apóia, para confirmar a sua própria legitimidade, mas a elas não se escraviza. Pelo contrário, o Espiritismo recebe as escrituras como um acervo cultural, do qual retira as energias criadoras, as forças vitais condensadas em suas formas, para reelaborá-las em novas expressões de espiritualidade. É assim que o Cristianismo se liberta e se renova, na expansão de suas mais profundas e poderosas energias, para libertar e renovar o mundo.²⁶

4. Vivência espírita: auto-conhecimento e amor

O principal deslocamento de eixo que o Espiritismo propõe é o que leva da religião exterior à religião interior. O auto-conhecimento²⁷ é a base da principal missão dos espíritas: a “reforma íntima”. Cabe ao espírita efetuar uma avaliação dos vícios e virtudes acumulados ao longo das experiências milenares e buscar desenvolver virtudes cristãs e “domar as suas más inclinações”.

O Espiritismo propõe a reforma do homem, e esse objetivo é indissociável da construção de uma sociedade fraterna, através da reforma das instituições que “estimulam e excitam o egoísmo humano”. O filósofo Herculano Pires entendia o Espiritismo de forma dialética: “Transformar o mundo pela transformação do homem e transformar o homem pela transformação do mundo. Eis a dialética do Reino, que o cristão deve seguir.”²⁸ Seu fim é a implantação histórica de uma

²⁶ Pires, 2003, p. 92.

²⁷ LE q.919: “Qual o meio mais prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal? Um sábio da antiguidade vo-lo disse: conhece-te a ti mesmo.”

²⁸ Pires, 1967, p.136

sociedade nova, na qual o ideal de fraternidade substitui a competição e o móvel da ação é o amor e não mais o egoísmo.

O lema espírita da “Reforma Íntima” está, desde a origem, umbilicalmente ligado ao da “Reforma Social”. Apesar da abstenção de uma vivência partidária na política, os espíritas crêem em sua missão reformadora do homem e do mundo por meio da ação transformadora pautada no amor e na solidariedade, bem como pela renovação da mentalidade, através da propagação da filosofia espiritualista. Isso não significa uma busca por multiplicar o número de adeptos. Trata-se da propagação de uma visão da realidade imbuída de fé no homem, em sua capacidade de pleno desenvolvimento de suas potencialidades divinas, que é despertada e exercitada através do “toque da alma”²⁹, da compreensão e da prática do amor. O conceito de “conversão” aparece entre os espíritas não como uma nova confissão religiosa, mas como uma conscientização do seu compromisso com a vida, com a sociedade humana, com Deus, adquirindo igualmente consciência de que se tem uma missão a cumprir, ganhando uma causa, um objetivo pelo qual viver, independentemente da confissão religiosa.

Uma vez que se afaste dos objetivos nobres e santificadores o homem acumula dívidas com a Lei e gera sofrimento a si mesmo. Trata-se da lei de causa e efeito: por um “falso movimento da alma” se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem. A conseqüência natural é uma certa soma de dores a ponto de desgostá-lo de sua deformidade, é o sofrimento que o estimula a dobrar-se sobre si mesmo, e a buscar a retificação. O castigo só tem por finalidade a reabilitação, a redenção.³⁰

Essa lei o homem encontra em si mesmo, em sua consciência. O homem evolui na medida em que compreende a Lei Divina, ouvindo-a, dentro de si, desenvolvendo, de dentro para fora, sua capacidade de amar³¹, dando o salto para o homem-novo, à imitação de Cristo, permitindo nascer o homem pleno, maduro, o ser integral.

O amor “é um imã a que ele não poderá resistir, e o seu contato vivifica e fecunda os germes dessa virtude, que estão latentes em vossos corações,” dizia através da psicografia, o Espírito Sansão, membro da Sociedade Espírita de

²⁹ Emmanuel (Espírito) Chico Xavier (Médium), O Consolador.

³⁰ LE q. 1009. Resposta assinada por Paulo, o apóstolo.

³¹ Tal como em Erich Fromm, “A arte de amar.”

Paris, já desencarnado, em 1863, e completava com entusiasmo estimulando a fé dos amigos que ficaram: “essa máxima é revolucionária e segue uma rota firme e invariável”³²

Para a Doutrina Espírita, e isso é repetido exaustivamente, o amor é o elemento essencial da evolução espiritual da humanidade. Acima da riqueza, do poder ou mesmo do saber, o maior potencial de mudar a história da humanidade está com aqueles que amam. Através do seu exemplo, fertilizam um novo ideal e atraem pelo irresistível “perfume de caridade que espargem ao seu redor”³³

Quem ama termina por ser mais feliz e atrair a si todos os seres que no fundo desejam a felicidade e se deixam atrair a esse imã fecundo e divino. A compreensão do imperativo do “amor ao próximo” para a felicidade de si próprio se dá gradativamente ao longo da evolução, como ressalta Leon Denis:

(...) em nossa ascensão chegaremos a compreender e praticar melhor a comunhão universal que une todos os seres. Inconsciente nos estados inferiores da existência, essa comunhão torna-se cada vez mais consciente, à medida que o ser se eleva e percorre os graus inumeráveis da evolução, para chegar, um dia, ao estado de espiritualidade em que cada alma, irradiando o brilho das potências adquiridas nos impulsos do seu amor, vive na vida de todos e a todos se sente unida na Obra Eterna e Infinita.³⁴

5. Mediunidade e reforma permanente do movimento espírita

Na visão espírita, a imortalidade da alma, o corpo espiritual, a reencarnação, as potencialidades psíquicas, a obsessão, bem como a comunicação com aqueles que morreram, eram fenômenos conhecidos por Jesus e seus seguidores³⁵. Argumenta-se que nos primeiros grupos cristãos, a mediunidade garantia um arejamento das idéias, permitindo a democratização no

³² EE, XI, 10.

³³ EE XV 10, mensagem assinada pelo Espírito Paulo.

³⁴ Leon Denis, O problema do ser, do destino e da dor, p, 99.

³⁵ Caso exemplar de mediunidade é a transfiguração de Jesus e o diálogo com Moisés e Elias (Mt, 17).

acesso às revelações, e impedia o crescimento da dogmática e do poder enrijecedor da instituição.

Na atualidade, a mediunidade é vista no contexto profético: “vossos filhos e filhas profetizarão”, anunciando a nova era de renovação da humanidade, a qual o Espiritismo tem a missão de acelerar. Seu uso tem difundido a crença nos postulados espíritas principalmente através da notícia de entes queridos, da cura de enfermidades e de instruções de elevado teor moral.

O Espiritismo inaugura a caridade no trato com os Espíritos infelizes. Não são demônios a serem expulsos violentamente, não são fantasmas dos filmes de terror. São as almas dos homens que morreram. Merecem carinho e cuidado cristão e mesmo que se apresentem como perseguidores de outras vidas, a eles deve-se aplicar a regra da caridade: amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem. Além disso, no tocante à obsessão, a visão espírita ressalta a responsabilidade da própria vítima e recoloca a primazia do livre-arbítrio, uma vez que a vinculação aos Espíritos inferiores é inerente a inferioridade moral do encarnado que o atrai pela sintonia de vibrações.

No seu combate à institucionalidade eclesial o Espiritismo tem na mediunidade sua pedra angular, uma vez que o controle da Doutrina não se encontra nas mãos do homem, mas nas dos Espíritos superiores. Este fato impediria o enrijecimento institucional e garantiria a existência de um contexto de reforma permanente: “a letra mata, o espírito vivifica.”

A mediunidade é, sem dúvida, o grande diferencial do Espiritismo e a resposta aos seus dilemas enquanto movimento histórico dependerá da forma como tratar a mediunidade nos anos futuros. A tendência inerente das instituições religiosas é a centralização, a criação de novas regras e dogmas estranhos ao impulso original, abafando as particularidades e os movimentos renovadores. O movimento espírita, ao crescer, lida com o permanente risco de esfriar a caridade e abafar o carisma renovador, como ocorreu com o cristianismo.

A tendência ao poder, ao controle, é inerente ao homem. O dilema espírita está em conviver com o crescimento do seu movimento e a manutenção de sua identidade sem abdicar dos princípios da liberdade, do amor, da tolerância e abertura às formas de crer, da simplicidade. Kardec, procurando precaver-se disso salientava: se “o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com

as quais se tem de contar sempre, pode todavia neutralizar-lhe as conseqüências e isso é o essencial.”³⁶ Um dos seus argumentos que visam precaver os espíritas dos falsos profetas e líderes ambiciosos é:

o pior de todos os chefes seria o que se desse por eleito de Deus. Como não é racional se admita que Deus confie tais missões a ambiciosos ou a orgulhosos, as virtudes características de um verdadeiro messias têm que ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, numa palavra o mais completo desinteresse material e moral.³⁷

6. O futuro das religiões

O Espiritismo é um verdadeiro campo aberto ao diálogo inter-religioso. De um lado pela ênfase na moralidade, o que independe de doutrina, de outro por abrir-se a formas tão variadas de religiosidade quanto são os que buscam a Deus. Toda manifestação sincera de fé é legítima, para o espírita. Ainda que não creia da mesma forma que os outros, ele crê no movimento legítimo de fé de qualquer pessoa.

Vale notar os livros espíritas que procuram disseminar um clima de tolerância religiosa ao perceber os “bons frutos” das diferentes organizações religiosas: “Nos bastidores da loucura”, “Tambores de Angola”, livros da série André Luiz. Apesar do viés espírita de compreensão da realidade, estes livros estão imbuídos de respeito e veneração por todas as crenças sinceras e que conduzem ao bem.

Enquanto herdeiro da tradição cristã, o Espiritismo leva o cristianismo ao diálogo e favorece as trocas espirituais entre as diferentes tradições espirituais da humanidade. A compreensão espírita de Jesus de Nazaré é bem menos carregada de dogmas e de exclusivismos e permite uma abertura muito maior aos diferentes missionários de todas as épocas e religiões. Seus princípios deixam a forma para valorizar o conteúdo.

³⁶ Obras Póstumas (OP), p.347-8.

³⁷ OP, p. 353.

Com sua abertura à modernidade, visa ajudar as religiões a renovarem suas crenças em face da razão, mas sem a necessidade de perder suas raízes. O Espiritismo não tem por finalidade combater, contrariar, negar ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Considera que todas as religiões são boas, mas para que continuem boas trabalha para que não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana. Daí crer-se que neste período fértil de trocas espirituais, o Espiritismo pode ser um vetor de diálogo entre o cristianismo e as demais tradições espirituais da humanidade e de renovação das religiões em busca de suas próprias essências.

Bibliografia

DENIS, Leon (2004) *O problema do ser, do destino e da dor*. RJ: FEB.

EMMANUEL (F.C. Xavier) (1945) *Emmanuel*. RJ: FEB.

_____ (1999) *O Consolador*. RJ: FEB.

FROMM, Erich (1995) *A arte de amar*. BH: Itatiaia.

GIUMBELLI, Emerson & HUMBERTO, Juárez (2003) Alguém disse "espiritismo"? in *Tempo & Presença*, ano 25, nov/dez, (16-19).

INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita, um projeto brasileiro e suas raízes*. Bragança Paulista, Editora Comenius, 2004.

_____ <http://pedagogiaespirita.org.br/texto/14.htm>

KARDEC, Allan (1982) *A gênese*. RJ: FEB.

_____ () *Obras póstumas*.

KARDEC, Allan (1997) *O livro dos espíritos*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan (2001) *O evangelho segundo o espiritismo*. SP: LAKE.

LE GOFF, Jacques (2007) *O Deus da Idade Média*, RJ: Civilização Brasileira.

MIRANDA, Hermínio C. (1995) *As marcas do Cristo*, volume II: Lutero, o Reformador. Rio de Janeiro, FEB.

PACE, Enzo (1999) *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes.

PIRES, Herculano (2003) *O Espírito e o tempo: introdução antropológica ao espiritismo*. São Paulo: Paidéia.

_____ (1967) *O Reino*. São Paulo, Edicel.

STOLL, S (2003) *Espiritismo à brasileira*. SP: Edusp e Curitiba: Editora Orion.